

Orquestra Jazz
de Matosinhos &
Jim McNeely

{ direcção + composição + piano }

Festival de Jazz de Matosinhos - 22 Maio 2008

A importância da *big band* na experimentação teórica e prática do jazz

Quem teve a feliz surpresa e a correspondente recompensa artística de assistir aos concertos que, em Março do ano passado, a Orquestra Jazz de Matosinhos (OJM) realizou na Casa da Música do Porto ou no Auditório Municipal de Almada - naquele que foi um dos mais competentes e conseguidos projectos anuais da orquestra, dedicado ao repertório de Thad Jones e Bob Brookmeyer -, perceberá que faz todo sentido terem os seus responsáveis Carlos Azevedo e Pedro Guedes convidado, agora, uma personalidade destacada como Jim McNeely para apresentarem entre nós a música do ilustre pianista, compositor e chefe de orquestra.

Inserido na série de projectos iniciados pela OJM na passada temporada para a divulgação de repertórios de compositores de referência no âmbito das *big bands*, este convite a Jim McNeely corresponde a uma lógica clara. Esta decorre da actividade que o pianista regularmente desenvolveu (com alguns breves hiatos conjunturais) no seio da Orquestra de Thad Jones/Mel Lewis, depois na formação que o baterista criou na sequência desta (face ao abandono do seu parceiro de anos) e, finalmente, na ainda hoje chamada Vanguard Jazz Orchestra, que assegurou a continuidade das duas primeiras depois de o próprio Mel Lewis ter falecido.

Entretanto, para além desta lógica ligada a um trajecto de anos percorrido por Jim McNeely no interior de uma dada formação orquestral, na qual foi crescendo como talentoso arranjador, há ainda uma outra coerência de carácter musical que se expressa em duas vertentes.

Por um lado, em termos teóricos e práticos, este importante compositor representa, prossegue e desenvolve a tradição e a evolução de uma escola orquestral com a qual a própria OJM muito se identifica, não tanto como exclusiva ou sequer principal referência histórica e estilística mas, sobretudo, pela exemplar oficina de experimentação que a Vanguard dos nossos dias continua a ser.

Por outro lado, a circunstância de Jim McNeely há muito manter ligações ao Velho Continente e a algumas das melhores orquestras do jazz europeu, que muitos pontos de contacto têm com a OJM em certos aspectos do seu funcionamento, apoio financeiro, manutenção de uma actividade continuada e até relações estreitas em termos associativos, é mais um factor que torna inteiramente plausível o convite de agora e o aliciante projecto musical que dele certamente resultará.

Jim McNeely

— o convidado —

Nascido em Chicago em 18 de Maio de 1949, Jim McNeely começou por receber lições particulares de piano, clarinete, saxofone e teoria musical desde os 7 anos de idade até à adolescência. Mas só mais tarde, quando estudava na Universidade de Illinois, se interessou em definitivo pelo jazz, tendo então decidido partir para a metrópole onde tudo acontece nesta área: Nova Iorque.

Ali chegado, logo se integra na movimentada cena do jazz da grande cidade tendo primeiro tocado nos grupos de dois trompetistas: Ted Curson e Chet Baker. Reconhecido pelo gosto harmónico com que acompanha e como solista de grande imaginação e musicalidade, é com naturalidade que, ao longo dos anos, surgem sucessivos convites por parte de músicos destacados, como Stan Getz, Phil Woods, Art Farmer, Dave Liebman, Joe Henderson ou Bobby Watson para integrar os seus grupos ou participar em algumas das suas importantes gravações.

Mais ainda, a personalidade de compositor e de líder levam-no à constituição dos seus próprios grupos, de formação diversa, com particular destaque para o de cateto com o qual gravou o notável álbum *Group Therapy* (Omnitone), que sobressai numa discografia de dez títulos já publicados em nome pessoal.

Mas é nas obras para grande orquestra que a invenção composicional de Jim McNeely se revela com ainda maior fulgor. Tendo ingressado muito novo (1978) na *big band* de Jazz de Thad Jones/Mel Lewis, na qual permaneceu como pianista-solista até 1984, e regressando em 1996 à Vanguard Jazz Orchestra (que lhe sucedeu) para o desempenho da função de "compositor em residência", McNeely desfrutou da oportunidade de conviver diariamente com o trabalho desenvolvido por Thad Jones e Bob Brookmeyer no campo da composição, orquestração e direcção de orquestra.

É assim natural que sejam estas as suas referências principais. Mas se em determinadas peças da sua autoria a utilização em conjunto de grandes massas orquestrais, à maneira de Thad Jones, constituem um paradigma em termos de concepção geral, o certo é que o seu modo de compor e orquestrar denota um muito original pendor para o delicado lirismo e para a criação de atmosferas que cativam pelo seu carácter evocativo e descritivo, quase programático, como acontece, a título de exemplo, com algumas das obras inspiradas pelo pintor Paul Klee.

Outras fontes de inspiração e influência são, naturalmente, o estilo impetuoso de Mel Lewis (cujo ofício de arranjador vem do tempo em que

este tocou nas orquestras de Stan Kenton e Gerry Mulligan) e ainda mais nitidamente (em certas suites das quais serão tocados excertos no concerto da OJM) os modelos de "composição extensiva" de um Bob Brookmeyer, que Jim McNeely muito admira.

Dedicando largo tempo à docência, McNeely é membro, desde 1981, da Faculdade de Jazz da Universidade de Nova Iorque e tem participado regularmente em cursos e oficinas de Verão, como os *workshops* de Stanford ou as *jazz clinics* de Jamey Aebersold, dirigindo ainda outras iniciativas de "formação em residência" no Canadá, Espanha, Suécia, Finlândia, Alemanha e Austrália.

Também fora dos EUA, são numerosas e habituais as já referidas colaborações com conhecidas orquestras europeias, entre as quais se destacam a Danish Radio Jazz Orchestra (Copenhaga), a West Deutsche Rundfunk Big Band (WDR, Colónia), a Hessischer Rundfunk Big Band (HR, Frankfurt), a Stockholm Jazz Orchestra (Suécia), a UMO Big Band (Helsínquia), a Metropole Orchestra (Hilversum) e, agora, a Orquestra Jazz de Matosinhos.

Jim McNeely – de A a Z –

Absolution

do álbum *CU'Round Midnight*,
pelo *Jazz Ensemble* da Universidade de Colorado

Primeiro envolta num ambiente descritivo que depois se torna dramático, esta peça de recorte algo insólito é introduzida “pé ante pé”, caminhando sobre os graves de piano e contrabaixo. O tema é exposto em vozes instrumentais paralelas e às vezes desfasadas entre si. E a dinâmica da orquestra alterna entre o *piano* e o *fortissimo*. O solo principal, em sax-tenor, é seccionado a meio (depois de um crescendo no *tutti*) por uma nova ideia temática de sabor quase “popular”, tudo acabando com a reexposição parcial do tema.

Der Seiltänzer

Tight-Rope Walker, do álbum *Paul Klee*,
pela Orquestra de Jazz Suíça

Inspirada no conhecido quadro do grande pintor, eis uma obra radiosa que navega na ambiguidade de um 6/8 inicial e um 12/8 que depois se mantém. O tema principal, suave e delicado, está a cargo de um pequeno grupo de instrumentos e apenas é “perturbado” na escrita orquestral por alguns choques de intervalos próximos. As harmonias e a paleta tímbrica (o uso das “madeiras”, por exemplo) sugerem a escrita apaixonada de uma Maria Schneider. Os solos são do contrabaixo e do piano, terminando a peça num *crescendo* final.

Don't Even Ask!

do álbum *Up From the Skies*,
pela Vanguard Jazz Orchestra

Composta por McNeely nos tempos do quinteto de Phil Woods, esta é uma das mais brilhantes transposições para a orquestra, com particular exigência em relação aos metais (por exemplo, as acentuações sincopadas dos trombones durante o solo de sax-alto!) e com o piano a desempenhar papel de relevo. Numa atmosfera leve e bem disposta, que nasce de um *swing* impulsivo, há como que um *sabor latino* na improvisação pelo piano e a oportunidade para o contrabaixo brilhar em solo absoluto. Mas a bateria é também essencial às fortes acentuações por toda a orquestra, durante o intenso diálogo desta com o piano.

Extra Credit

do álbum *Lickety Split*, pela Vanguard Jazz Orchestra

De novo um tempo dançável e quase *latino* a apimentar, em geral, esta obra. Mas a introdução pelas escovas na bateria e com as intervenções “dissonantes” dos metais e dos saxofones é um achado! A orquestração torna-se muito brilhante e exigente, como no contraponto escrito para os vários naipes, e por vezes implica uma execução bem sincopada: o unísono tocado em conjunto. Mas há largo espaço para os solos de sax-tenor, trombone, piano e trompete; e, na orquestra, os momentos a *cappella* (sem a secção rítmica) estabelecem um forte contraste com a potência do *tutti*. Um clássico!

In This Moment

do álbum *Up From the Skies*,
pela Vanguard Jazz Orchestra

Uma balada lenta, suave e evocativa que começa com uma introdução do piano em *rubato* e em solo absoluto, estando depois as flautas em fundo. A riqueza do espectro tímbrico é, aliás, uma característica desta peça, com a subtil interligação das "madeiras" aos trombones nos graves e aos trompetes com surdina a insinuar-se no meio do solo de fliscorne. Na fase derradeira, o piano em primeiro plano suscita, na orquestra, o gradual *crescendo* e *diminuendo* final.

Mel

do álbum *Lickety Split*,
pela Vanguard Jazz Orchestra

Começando num ambiente algo sombrio e passando depois a um tempo rápido e empolgante, esta peça brilhantíssima é naturalmente dedicada a Mel Lewis sendo todo o arranjo evocativo (e não por acaso!) da inconfundível matriz de Thad Jones, aqui introduzida com todo o a-propósito. O tema é construído por entre pausas e figuras sincopadas, acentuações e *clusters* verticais acentuados por toda a orquestra; depois, várias frases vão passando de naipe em naipe ou pontuam a improvisação do sax-tenor. Consoante a versão tocada, pode haver a meio da peça um solo absoluto pelo contrabaixo (que constitui como que um solene parêntesis no fulgor orquestral) ou então um solo de bateria que reforça esse fulgor e prepara um final sem regresso do tema.

Paukenspieler

Kettle Drummer, do álbum *Paul Klee*,
pela Orquestra de Jazz Suíça

Apesar do início em *pianissimo* - com a bateria a soar nos tambores graves em conjunto com o contrabaixo e um tema algo misterioso que mais tarde se ouve nos saxofones e trombones em contraponto com os trompetes -, eis uma das peças mais clássicas deste repertório. Tão clássica que se percebe, depois, ser um *blues*, embora com as harmonias muito transfiguradas... Nas improvisações, estarão sucessivamente o sax-tenor e o trombone; mas as intervenções da orquestra, num *crescendo* gradual, assumem de novo a evocação de Thad Jones, tudo acabando em capicua, com o regresso de tambores e contrabaixo.

Touch

do álbum *Jigsaw - SJO & Jim McNeely*,
pela Orquestra de Jazz de Estocolmo

Eis uma obra quase inteiramente entregue ao protagonismo do piano, quer num longo solo inicial *ad libitum* quer impulsionado bastante mais tarde pelo acompanhamento da orquestra, que vem a primeiro plano nas sucessivas intervenções dos registos graves, médios e agudos dos metais.

Up From the Skies

do álbum *Up From the Skies*,
pela Vanguard Jazz Orchestra

Um original de Jimi Hendrix, ao qual McNeely transmite uma esplendorosa riqueza harmónica! O início bastante *soft*, numa afirmação gradual e crescente do tema principal, é de articulação instrumental muito exigente e *swingada*, implicando os ataques perfeitos por toda a orquestra. Começando nos graves, os registos dos instrumentos vão subindo até à região mais aguda, assim se reforçando o brilhantismo tímbrico. Pelo meio, os solos são do trombone e do sax-tenor e um curto motivo descendente perpassa pelos vários naipes e conduz à reexposição do tema, tudo terminando numa suspensão final...

We Will Not Be Silenced

do álbum *Up From the Skies*,
pela Vanguard Jazz Orchestra

Terceira parte da suite *September Tryptich*, esta é talvez a obra que, em termos de personalidade, melhor traduz um inequívoco *estilo Jim McNeely*. A atmosfera da abertura é solene, percebe-se que estamos numa valsa lenta e as "madeiras" e os metais com surdina ouvem-se em acordes, como se fosse um coral. Há um solo principal pelo sax-tenor mas, à sua volta, outros fragmentos e ornamentos solísticos comentam-no, tal como sucederá depois com a intervenção do sax-soprano. Estas ocorrências suscitam um *crescendo* imparável, em meio do qual o sax-barítono nos recorda o tema, que depois se transfere para o *tutti*, embora sujeito a transformações até harmónicas! Em contraste, tudo termina em oitavas, estendidas por toda a orquestra...

You Tell Me

do álbum *Up From the Skies*,
pela Vanguard Jazz Orchestra

Rápida, intensa, *swingada*, esta é a terceira parte da suite *One Question, Three Answers* e começa com o frenesim de "rabujentos" conflitos entre os vários naipes da orquestra. As coisas acalmam na entrada do solo de sax-tenor (com acentuações sincopadas na orquestra) mas assiste-se, então, a uma curiosíssima ascensão por degraus tonais, a cada oito compassos! É então o tempo de surgir um segundo sax-tenor a improvisar, ouvindo-se na orquestra a sugestão de uma progressão de acordes à maneira de *Giant Steps* ou *Countdown*, recordando-nos Coltrane! O diálogo entre os dois tenores torna-se mais intenso, a bateria estimula na orquestra a produção de frases curtas e nervosas e os metais contribuem para o brilho final.

Orquestra Jazz de Matosinhos

– OJM –

Criada em 1999 com o apoio da Câmara Municipal de Matosinhos, a *Orquestra Jazz de Matosinhos* (OJM) tem vindo a afirmar-se como uma das formações mais dinâmicas do actual jazz português. Sob a direcção de Carlos Azevedo e Pedro Guedes e constituída por alguns dos melhores músicos de jazz da região norte do país, a orquestra desenvolve hoje uma linha de orientação que privilegia, por um lado, a criação de um repertório próprio e, por outro lado, a organização de projectos específicos para os quais vem convidando solistas e maestros de relevo internacional.

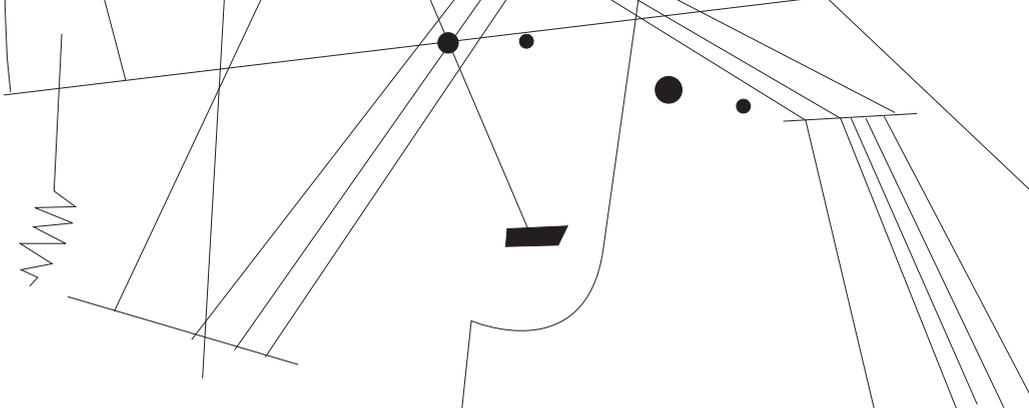
Entre esses projectos, destacam-se o concerto de encerramento da Porto 2001, com obras de autores portugueses, a recriação em conjunto com o *Remix Ensemble* (2002) de *Sketches of Spain*, obra de referência da parceria Miles Davis/Gil Evans, e os sucessivos convites a solistas ou maestros de prestígio, como Ingrid Jensen, Bob Berg, Conrad Herwig, Mark Turner, Rich Perry, Steve Swallow, Gary Valente, Dieter Glawischnig, Carla Bley ou Stephan Ashbury.

2006 e 2007 são anos de progressos importantes em termos de uma crescente presença da OJM em concertos e festivais nacionais e internacionais, surgindo a público as suas primeiras edições em disco – *Orquestra Jazz de Matosinhos Invites: Chris Cheek* (Fresh Sound New Talent) e *Portology* (Omnitone) – contando esta última com a participação especial de Ohad Talmor (direcção e

arranjos) e Lee Konitz (solista principal) num repertório totalmente composto por obras inéditas ou grandes clássicos do conceituado mestre.

Na sequência da gravação destes dois discos, multiplicam-se os concertos de divulgação do repertório de ambos nas principais salas nacionais, destacando-se ainda neste âmbito o convite que foi endereçado à OJM pelo próprio Lee Konitz para a sua participação num concerto especial integrado no *JVC Jazz Festival* (Carnegie Hall, Nova Iorque, Julho de 2007) e comemorativo do 80°. aniversário do grande saxofonista. Sublinhe-se ter sido esta a primeira vez que uma formação instrumental portuguesa participou num festival de jazz desta dimensão nos EUA, tendo-se ainda seguido uma actuação no clube *Jazz Galery*, também de Nova Iorque..

Ainda significativa quanto à diversificação da actividade e rumo assumidos pela OJM, foi a decisão de desenvolver durante o ano de 2007, com prolongamento para 2008, um conjunto de projectos específicos dedicados ao repertório de compositores e arranjadores de referência. O primeiro destes projectos – *Thad Jones & Bob Brookmeyer – Do Classicismo à Modernidade* – realizou-se no ano passado com dois concertos realizados na Casa da Música (Porto) e no Teatro Municipal (Almada), contando com a participação de três solistas norte-americanos: Rich Perry, Nick Marcione e John Riley.



Depois, foi a vez do jazz para grande orquestra do país vizinho ser pela primeira vez divulgado em Portugal num concerto especial - *E a Espanha Aqui tão Perto* - realizado na Casa da Música (Julho, 2007) e que contou com a participação de Perico Sambeat como solista principal.

Convidada pelo ciclo *Jazz no Parque* (Serralves) e procurando sempre novos desafios e uma diversificação estética, a OJM apresentou ali, também em Julho, um outro projecto exigente - *John Hollenbeck ou Uma Nova Ideia de Big Band* - para o qual convidou, como solista e director da orquestra, o destacado baterista norte-americano, um dos valores mais firmes e criativos do novo jazz para grande orquestra.

A encerrar o ciclo de concertos especiais de 2007, a OJM foi o suporte orquestral para o regresso da cantora norte-americana Dee Dee Bridgewater ao formato com que esta iniciou a sua carreira, a *big band*, num concerto realizado em Dezembro na Casa da Música e intitulado *A voz cantada: o instrumento mais antigo do jazz*.

Agora, no primeiro concerto com novo repertório apresentado em 2008, a OJM prossegue a divulgação da obra de destacados compositores e arranjadores, com a importante presença de Jim McNeely (piano e direcção da orquestra) na interpretação de várias obras suas.

DIRECÇÃO, COMPOSIÇÃO E PIANO
Jim McNeely

SAXOFONES, CLARINETES E FLAUTAS
José Luis Rego
João Guimarães
Mário Santos
José Pedro Coelho
Rui Teixeira

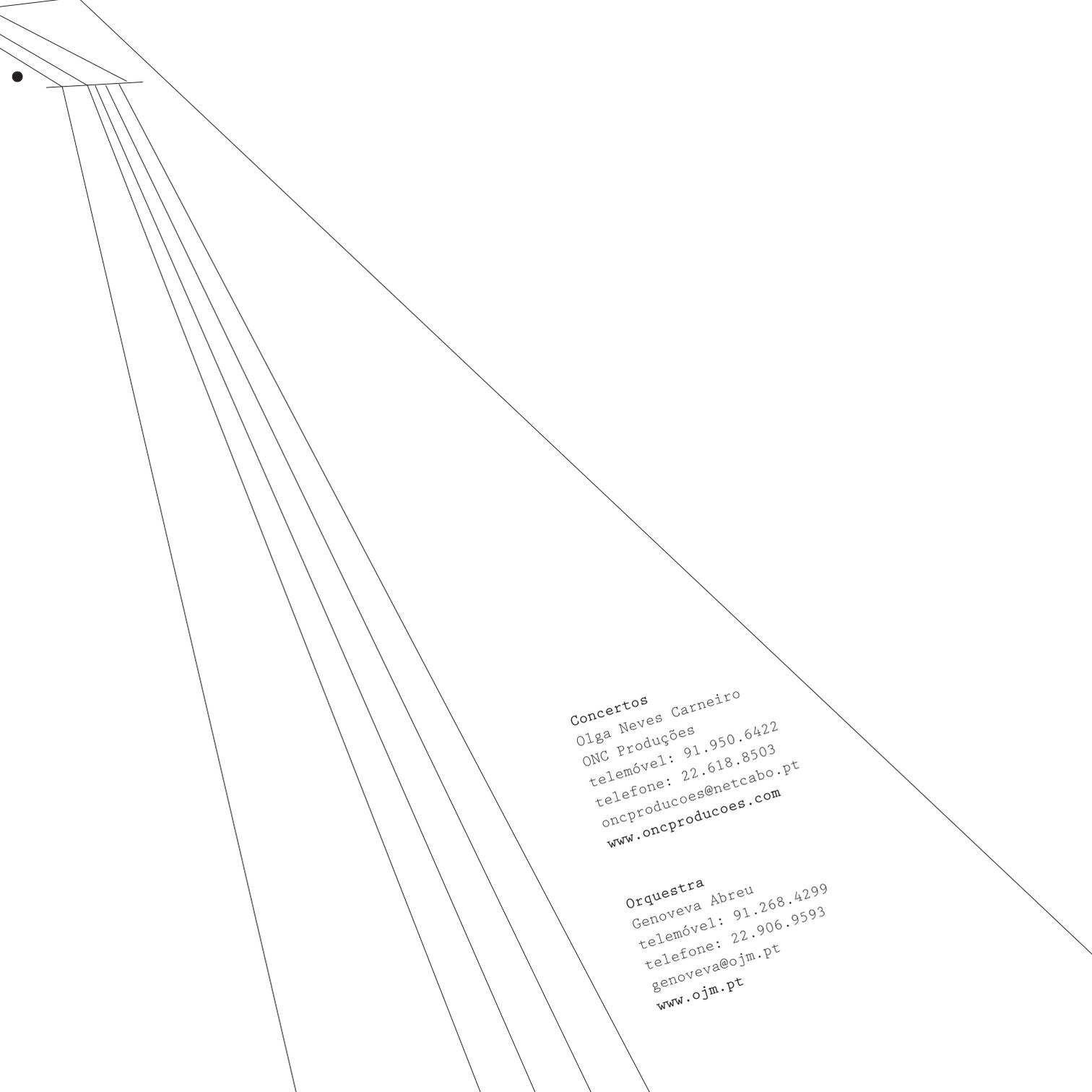
TROMPETES E FLUGELS
Nick Marchione
Rogério Ribeiro
Gileno Santana
José Silva

TROMBONES
Michaël Joussein
Álvaro Pinto
Paulo Perfeito
Gonçalo Dias

GUITARRA
Virxílio da Silva

CONTRABAIXO
Demian Cabaud

BATERIA
Marcos Cavaleiro



Concertos
Olga Neves Carneiro
ONC Produções
telemóvel: 91.950.6422
telefone: 22.618.8503
oncproducoes@netcabo.pt
www.oncproducoes.com

Orquestra
Genoveva Abreu
telemóvel: 91.268.4299
telefone: 22.906.9593
genoveva@ojm.pt
www.ojm.pt

OJM



dgARTES
DIRECCÃO GERAL
DAS ARTES

